



JUHANI PALLASMAA

ESSÊNCIAS

www.ggili.com.br

GG

Editorial Gustavo Gili, SL

Via Laietana 47, 2º, 08003 Barcelona, Espanha. Tel. (+34) 93 3228161

Editora G. Gili, Ltda.

Av. José Maria de Faria, 470, Sala 103, Lapa de Baixo
CEP: 05038-190, São Paulo-SP, Brasil. Tel. (+55) (11) 3611 2443

JUHANI PALLASMAA

ESSÊNCIAS

TRADUÇÃO DE ALEXANDRE SALVATERRA

www.ggili.com.br

GG[®]

Tradução e revisão técnica: Alexandre Salvaterra
Preparação de texto: Solange Monaco
Revisão de texto: Adriana Cerello

Ilustração da capa: Rafamateo

Qualquer forma de reprodução, distribuição, comunicação pública ou transformação desta obra só pode ser realizada com a autorização expressa de seus titulares, salvo exceção prevista pela lei. Caso seja necessário reproduzir algum trecho desta obra, seja por meio de fotocópia, digitalização ou transcrição, entrar em contato com a Editora.

A Editora não se pronuncia, expressa ou implicitamente, a respeito da acuidade das informações contidas neste livro e não assume qualquer responsabilidade legal em caso de erros ou omissões.

© da tradução: Alexandre Salvaterra
© dos textos: Juhani Pallasmaa
para a edição em português:
© Editorial Gustavo Gili, SL, Barcelona, 2018

Impresso na Espanha
ISBN: 978-85-8452-125-8
Depósito legal: B. 1979-2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pallasmaa, Juhani
Essências / Juhani Pallasmaa ; tradução de
Alexandre Salvaterra. -- São Paulo : Gustavo Gili, 2018.

Título original: Essências
ISBN 978-85-8452-125-8

1. Arquitetura 2. Arquitetura - Ensaios
3. Arquitetura - Filosofia I. Título.

18-12092

CDD-720

Índices para catálogo sistemático:

1. Arquitetura 720

SUMÁRIO

7	PREFÁCIO
11	ESPAÇO, LUGAR, MEMÓRIA E IMAGINAÇÃO
39	MATÉRIA, TATILIDADE E TEMPO
65	APRENDER E DESAPRENDER
97	A ARQUITETURA COMO EXPERIÊNCIA
123	FORNE DOS TEXTOS

PREFÁCIO

JUHANI PALLASMAA

Ao longo de quase meio século lecionando arquitetura, já proferi inúmeras palestras ao redor do mundo, cada uma delas com cerca de uma hora de duração. De dez a doze páginas de texto escrito também se tornaram o comprimento médio de meus ensaios, mesmo quando não foram escritos para palestras. Com esse número de páginas, conseguimos desenvolver um tema com argumentos suficientes e incluir desvios inesperados na linha de raciocínio principal a fim de fazer o texto ser lido como uma exploração ainda inacabada, em vez de se tornar um sermão. Como quase sempre ilustro meus colóquios com inúmeras imagens emparelhadas, que constituem sua própria narrativa dialética, minhas palestras têm, na verdade, inicialmente se constituído em duas narrativas estabelecidas com um contraponto deliberado – um verbal, o outro, visual.

Mais da metade de minhas palestras ou ensaios são respostas a tópicos que me foram solicitados junto com o pedido; o restante dos tópicos surgiu de meus interesses pessoais relacionados àqueles temas. Vistos em retrospectiva, os quase quatrocentos ensaios

que já publiquei podem sugerir um projeto de pesquisa préconcebido, em virtude de uma direção ou progressão aparente, mas devo dizer – com toda a sinceridade – que o acaso e a sorte das felizes descobertas têm desempenhado um papel mais significativo do que qualquer plano geral ou direção escolhida conscientemente. Depois que comecei minha expedição verbal e filosófica no fenômeno da arquitetura e de suas essências, eu simplesmente continuei minha jornada, fiz os desvios e percorri os caminhos laterais sugeridos por aquilo que vivenciei, vi, ouvi ou li. Muitas vezes sou apresentado como um teórico, algo que sempre me deixa desconfortável. Não estou tentando construir uma teoria da arquitetura. Eu apenas sigo minha jornada através da ampla paisagem da arquitetura como uma experiência histórica, cultural, estética, sensorial e existencial e somente relato minhas percepções, observações e intuições.

Quando, em 1974, voltei da África ao meu país, após passar dois anos lecionando arquitetura em Adis Abeba, Etiópia, comecei a escrever sobre temas antropológicos, o condicionamento cultural da visão e o papel da inconsciência nas artes e no pensamento criativo. Após esses assuntos, passei para a hegemonia da visão na cultura ocidental, nossos sentidos negligenciados e a significância da corporificação e da experiência existencial. Só depois me dei conta das obsessões modernas com a forma pura, a percepção focada e a racionalidade e passei a me interessar pela percepção periférica, a realidade do tempo na arquitetura, os

benefícios da imprecisão e incerteza no pensamento criativo e atmosferas, “quase coisas” e os processos de transformação, em vez das formas fechadas. Acredito que, sem qualquer intenção deliberada, venho trabalhando rumo ao um entendimento bio-histórico e existencial da arte da arquitetura.

Penso que as experiências tocantes da arquitetura surgem de memórias e significados bioculturais secretos e préconscientes, bem como de encontros existenciais e ressonâncias, em vez de uma estética puramente visual. Essas características poderiam ser chamadas de “essências arquitetônicas”.

ESPAÇO, LUGAR, MEMÓRIA E IMAGINAÇÃO

A DIMENSÃO TEMPORAL DO ESPAÇO
EXISTENCIAL

2007

Prólogo: arquitetura e filosofia

Arquitetura geralmente é vista em termos futuristas; acredita-se que prédios inovadores sondem e projetem uma realidade imprevista, e a qualidade da arquitetura está diretamente associada a seu nível de inovação e singularidade. A modernidade, em geral, tem sido dominada por esse preconceito futurista. Ainda assim, o gosto pela novidade provavelmente jamais foi tão obsessivo como o de nosso culto atual por um imaginário espetacular da arquitetura. Em nosso mundo globalizado, a novidade não é apenas um valor estético e artístico – é uma necessidade estratégica da cultura do consumismo e, conseqüentemente, um ingrediente inseparável de nossa surreal cultura materialista.

Contudo, as construções humanas também têm a tarefa de preservar o passado e nos permitir experimentar e compreender o *continuum* da cultura e da tradição. Não existimos apenas na realidade espacial e material, também habitamos em realidades culturais, mentais e temporais. Nossa realidade existencial